



Juliana Aguiar



Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

jususpyro@hotmail.com

Ana Cristina Santos Limeira



Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

anacrislimeira@gmail.com

DESAFIOS DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO DE ARTESÃOS DO CURSO TÉCNICO EM ARTESANATO/PROEJA

RESUMO

As experiências nos trazem subsídios para enfrentar desafios e propor alternativas que envolvam o saber humano dentro da realidade que o cerca. O presente artigo busca, em seu desenvolvimento, contextualizar o percurso de um projeto de trabalho participativo e interdisciplinar realizado com um grupo de alunos artesãos que integram o Curso técnico em Artesanato, modalidade PROEJA, do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – Campus Maceió. Esses alunos, diante de sua realidade cotidiana, trazem alternativas da busca sustentável do conhecimento sob a ótica do meio em que habitam, levando em consideração as referências culturais presentes nas cidades do Estado de Alagoas. Sendo assim, nos pautamos na valorização do Patrimônio Cultural, embasados na apropriação de prerrogativas que envolvem a Educação Patrimonial. O resultado se mostra no desenvolvimento de produtos que promovem a junção entre o design e o fazer artesanal, que resulta em peças com identidade única, fruto de uma experiência exitosa dentro de uma perspectiva interdisciplinar de ação.

Palavras-chave: Produção artesanal. Interdisciplinaridade. PROEJA.

CHALLENGES OF AN INTERDISCIPLINARY PROJECT IN ARTISANS EDUCATION OF A THECNICAL COURSE IN ARTISANSHIP/PROEJA

ABSTRACT

The experiences bring us subsidies to face challenges and propose alternatives that involve the human knowledge related to its surrounding reality. This article aims, in its development, to contextualize the way of a participatory and interdisciplinary work project carried out with a group of artisan students who are part of the Technical Course in artisanship, modality PROEJA, of the Federal Institute of Alagoas (IFAL) – Maceió campus. These students, facing their daily reality, bring alternatives to the sustainable search for knowledge from the perspective of their environment, taking into consideration the cultural references in the cities of the state of Alagoas. In this sense, we are guided by the valorization of cultural heritage, based on the appropriation of the prerogatives that involve the patrimonial education. The result shows in the development of products that promote the combination of design and artisanship, which results in pieces with unique identity, the result of a successful experience within an interdisciplinary perspective of action.

Keywords: Artisanship production, Interdisciplinarity, PROEJA.

Submetido em: 15/08/2019

Aceito em: 18/11/2019

Publicado em: 06/04/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n26p582-595>



I INTRODUÇÃO

As experiências nos trazem subsídios para enfrentar desafios e propor alternativas que envolvam o saber humano dentro da realidade que o cerca. Em Freire (2002) encontramos que o educador, sobretudo, não deve apenas conhecer a sua área de atuação, mas o contexto em que seus alunos estão inseridos, para promover, em seu cotidiano, uma reflexão crítica sobre sua prática. A busca cotidiana de elementos que nos levam a refletir a respeito de nossos costumes, tradições e referências culturais exige um exercício constante de superação de limites, pois a partir desse conjunto em que estamos inseridos, somos capazes de criar propostas inovadoras cheias de simbologias e referências ideológicas, reflexos da ambiência que nos envolve.

Diante do exposto, destacamos que o presente artigo busca, em seu desenvolvimento, contextualizar o percurso de um projeto de trabalho participativo e interdisciplinar realizado com um grupo de alunos artesãos que integram o Curso Técnico em Artesanato, modalidade PROEJA, do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – Campus Maceió. O referido curso é direcionado a alunos que possuem o ensino fundamental ou que não concluíram o Ensino Médio. Trata-se de um projeto educacional interdisciplinar, voltado para a formação de artesãos e artesãs, possibilitando, através de seus saberes da cultura popular, agregar valor a seu fazer artesanal cujos desafios de novas metodologias vão sendo tecidas ao longo do curso, criando outras técnicas, agregando um novo conhecimento.

Freire (2002) reflete que o ato de ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas viabilizar, ou fornecer subsídios para a sua própria produção, buscando uma visão crítica e identitária de seus alunos, diante da compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que estão inseridos esses sujeitos. Sendo assim, entendemos que contribuir com o processo de ensino e aprendizagem ora proposto, também significa uma expansão da valorização do Patrimônio Cultural, embasada em ações educativas que nos levam à apropriação de prerrogativas contidas em propostas que envolvem a Educação Patrimonial, como mecanismo de reflexão e disseminação da preservação de nossas referências culturais, tão ricas em elementos identitários. Assumimos a concepção de Patrimônio Cultural de autores que entendem Patrimônio cultural como:

[...] todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão-se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas de acordo com a sua própria história e necessidades. Cada geração dá sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 05).

Quanto à Educação Cultural, trazemos também o entendimento dos referidos autores, com quem concordamos.

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento e valorização de sua herança cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06).

Esse processo possibilita refletir acerca da compreensão da realidade que cerca os sujeitos, através da busca de suas raízes, de suas tradições e de seus costumes, ou seja, de sua cultura, dialogada em sala de aula, à procura de uma referência que represente a todos, contribuindo para o reconhecimento de sua identidade como cidadãos alagoanos. Essa perspectiva está ancorada no pensamento de Freire (2002, p. 5) para quem é “fundamental que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada. [...] O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.”

Dentro desse processo, todavia, percebemos que o perfil desse sujeito trabalhador nos mostra que o fazer manual do aluno/artesão, ao ingressar no referido curso, está vinculado à reprodução de modelos já existentes no mercado artesanal ou retirados de revistas especializadas. Ou seja, produzem cópias que não possuem uma identificação com os elementos referenciais presentes na cultura do Estado de Alagoas, não valorizando o patrimônio cultural existente. Essa prática se reflete na produção artesanal desse grupo, pois deixa de lado todo o potencial existente na cultura alagoana, sem tirar proveito de suas características e referenciais, sempre recheados de personagens únicos, folclore rico e diversificado, diversidade de costumes e tradições, pautados na valorização de seu patrimônio cultural.

Como diz Freire (2002, p. 77): “respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento” e, a partir dela, introduzir novos elementos que possam contribuir com a ampliação de seu olhar sobre o mundo, possibilitando inúmeras leituras de um mesmo contexto.

Sendo assim, diante dessa perspectiva, buscamos instigar a curiosidade do nosso público, fornecendo mecanismos que levem à apropriação de elementos identitários existentes no universo das cidades alagoanas, a partir de visitas técnicas semestrais. Essa metodologia busca inserir os alunos na realidade do interior alagoano, a fim de estimulá-los a desenvolver olhares únicos e reflexões apuradas sobre a realidade encontrada nessas cidades. São as análises realizadas por eles que refletem a busca pelo amadurecimento educacional e profissional, já que nosso público se encontra inserido no mercado do artesanato local.

Buscamos, através dessa abordagem, desenvolver a autoestima desses sujeitos, fazendo com que desenvolvam uma consciência crítica acerca de seu processo de criação e se conscientizem de seus saberes e da sua responsabilidade, com relação a seus deveres de multiplicadores da nossa cultura. Romero (2001,

p. 18) afirma que: “a identidade refere-se a uma parte do território, natural ou construído, que ressignifica o nosso entendimento do meio físico”, mas de que forma isso seria possível?

Partimos, então, da premissa de que a bagagem cultural do sujeito, construída através de sua vivência cotidiana, é especialmente rica de elementos característicos de sua individualidade, socialmente construída, que colabora com a construção do seu conhecimento e entendimento do lugar em que habita, podendo, assim, contribuir para a ressignificação de seu meio físico, transformando os elementos referenciais identitários em resultados únicos, frutos da reflexão e da apropriação do meio em que está inserido.

A metodologia proposta neste projeto parte do pressuposto de que o trabalho educativo, permanente e sistemático, centrado na perspectiva do Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, constitui-se uma alternativa viável para a produção do conhecimento crítico acerca do cotidiano vivenciado. Entendemos, pois que partir da experiência e do contato direto com as evidências e as manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, possibilita o conhecimento, a apropriação e a valorização da herança cultural das pessoas, capacitando os sujeitos para um melhor usufruto desses bens, propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de apropriação, reflexão e criação.

Nesse contexto, reforça-se a ideia de que a Educação Patrimonial, trabalhada em pequenos universos, possibilita o conhecimento crítico e a apropriação consciente dessas comunidades junto a seu patrimônio, fundamental no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

Tomamos como objeto de reflexão o artesanato que - neste trabalho -, busca estabelecer uma convivência pacífica com o meio em que habitamos através de métodos e processos de criação, embasados em ações educativas, pautadas na Educação Patrimonial.

2 ARTESANATO COMO INTERFACE DO PATRIMÔNIO CULTURAL

2.1 O Patrimônio Cultural e a Educação Patrimonial como instrumento de preservação

Quando se pensa em patrimônio cultural, o que vem à mente remete à herança passada de tudo que já foi construído pelos antepassados, que possui relevância histórica e cultural para o país, região ou comunidade específica. Diz respeito àquilo que é singular e que caracteriza unidade ou diversidade dentro de um contexto sócio histórico. Entretanto, entende-se que, apesar de consolidado, o conceito de “patrimônio cultural” vem se delineando e ganhando novas concepções no decorrer do tempo. Buscando

respaldo em Gonçalves (2005, p.16) tem-se que: “patrimônios culturais’ seriam entendidos mais adequadamente se situados como elementos mediadores entre diversos domínios sociais e simbolicamente construídos, estabelecendo pontes e cercas entre categorias cruciais, tais como passado e presente, deuses e homens...etc.”

Percebemos que a discussão a esse respeito vem ganhando força no mundo, nos últimos anos e em diversos campos da ciência, pois, conforme Castriota (2009, p. 11) “nunca se falou tanto sobre a preservação do patrimônio e da memória, nunca tantos estiveram envolvidos em atividades ligadas a ele, nunca se forjaram tantos instrumentos para se lidar com as preexistências culturais”.

No entanto, não basta simplesmente identificar, na sociedade, atitudes favoráveis para com os bens culturais; existe, no caso brasileiro, a necessidade de desenvolver e ampliar a percepção e o senso crítico da população -“conhecer para preservar”- investindo em ações educacionais que busquem a compreensão do mundo que nos cerca, através de uma metodologia específica de trabalho, que propicie o contado direto com experiências e manifestações culturais.

[...] os bens culturais podem também ser consagrados ou não consagrados, entendendo os primeiros como os reconhecidos pela sociedade e protegidos por legislações (leis e decretos), e os segundos como aqueles que fazem parte de nosso dia a dia, da nossa realidade, revelando os múltiplos aspectos que a cultura viva de uma comunidade pode apresentar (GRUNBERG 2007, p. 04).

Partindo da premissa anteriormente colocada, surge, em 1983, a expressão Educação Patrimonial que aparece como instrumento de apoio a ações educativas e que de acordo com Grunberg (2007, p. 05) destaca-se como: “o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações.” A partir da aplicação dessa perspectiva e com o desenvolvimento de atividades que permitam a reflexão a respeito da descoberta e da valorização do Patrimônio Cultural, a Educação Patrimonial busca atingir seus objetivos, como instrumento de preservação, em prol da “alfabetização cultural”, através do conhecimento.

É nesse sentido que se entende a Educação Patrimonial como instrumento de preservação, reconhecendo que é através de seus mecanismos de interação com a população, que se pode formular ações práticas que visem à valorização dos bens e manifestações culturais presentes no cotidiano da comunidade como um todo.

Diante desse contexto, destacamos o fazer artesanal como parte integrante do patrimônio cultural de uma comunidade, que, atrelado a ações voltadas à Educação Patrimonial, pode alavancar projetos e atividades que tornem viável a preservação de bens materiais e imateriais, através do entendimento do cotidiano experienciado dia a dia, na criação de produtos que refletem um universo único do lugar.

O artesanato, dentro de um conceito amplo e de acordo com o documento que trata da Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2010, p. 03), é entendido como: “toda a produção resultante da

transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural)".

Dentro do proposto neste trabalho, a definição citada não atende ao objetivo a ser alcançado, que está ligado a ações educativas apoiadas em metodologias que auxiliem a redescoberta e a preservação da identidade cultural de cada um. Sendo assim, nos embasamos na definição de Lins in Apratto e Dantas, (2009, p. 09), que assim se expressam: "o artesanato é a expressão mais autêntica da criatividade popular, em que o criador se serve de habilidades manuais para dar forma ao mundo que o cerca". O mundo que nos cerca instiga a criatividade do artesão, que dentro da compreensão de Lins in: Apratto e Dantas, (2009, p. 09), "é a mediação mais autêntica entre seu entorno e o objeto por ele criado". Nesse contexto, seu cotidiano deveria ser a inspiração para o desenvolvimento de seus produtos.

De acordo com o que acabamos de apresentar, a diversidade cultural existente nas diversas regiões do Brasil deveria ser uma potencial fonte de inspiração para artesãos locais. No entanto, em contato com nossos alunos/artesãos, a realidade nos mostra que precisamos resgatar nossos valores culturais em prol de nossa sobrevivência, como cidadãos e como seres humanos. Vivemos em um mundo cada vez mais sedento por produtos e/ou espaços que contenham uma história, que mostrem a gênese da ideia e que tragam um conceito em sua concepção.

Dessa maneira, destacamos o artesanato como interface do patrimônio produzido em uma determinada região, pois estão intrínsecas, em sua concepção, as referências e a matéria prima existentes no local, ferramentas personificadas diante do perfil de seu criador artesão, enfim, o fazer artesanal é a tradução das referências de uma região, forjada em materialidades repletas de significados e simbologias que ilustram o universo em que foram criadas.

2.2 Projeto educacional para a formação de artesãos

Um dos maiores desafios no Curso Técnico em Artesanato consiste na busca de projetos para a formação de artesãos com propostas de trabalho que valorizem seus saberes, que foram construídos em processos autodidáticos, através de vivências e experiências adquiridas fora da escola – advindos da cultura popular.

Nesse contexto, em uma trajetória de 10 anos do Curso Técnico em artesanato, foram desenvolvidas metodologias de trabalho que melhor aproximam a educação de jovens e adultos e a cultura artesanal – um diálogo que torna o currículo do curso dinâmico e, ao mesmo tempo, desafiador.

Assim, é necessário trazer uma (re)significação ao processo de aprendizagem, reconhecendo que os artesãos e as artesãs trazem um conhecimento do fazer artesanal, que será entrelaçado ao novo - o

conhecimento escolar - que irá compor a sua formação, como uma tessitura que irá trazer novos sentidos, outras possibilidades para criar e recriar o seu fazer artesanal. Para Hernández (1988), o objetivo de toda aprendizagem consiste em estabelecer um processo de inferências e transferências entre o conhecimento que se possui e os novos que serão problematizados – que nos remetem a repensar a natureza da escola e do trabalho escolar e a atuação docente, para que atue mais como guia do que como autoridade.

Nesse processo, os projetos podem contribuir com essa formação, a partir da autodireção, pois favorece as iniciativas para levar adiante, por si mesmo e com os outros, tarefas de pesquisa,

[...] mediante a utilização criativa de recursos, métodos, e explicações alternativas; a formulação e resolução de problemas, diagnósticos de situações e o desenvolvimento de estratégias analíticas e avaliativas; a integração, pois favorece a síntese de ideias, experiências e informação de diferentes fontes e disciplinas; a tomada de decisões, já que será decidido o que é relevante e o que se vai incluir no projeto (HERNANDES 1998, p. 73).

Os projetos de trabalho, segundo Hernández (1998), constituem um planejamento de ensino e aprendizagem que tem uma importância significativa para os alunos, não só como estratégias cognitivas, mas também como possibilidade de proporcionar ao aluno um papel de (co)responsável pela sua própria aprendizagem, e, no caso dos artesãos, por meio das visitas às cidades, um projeto de trabalho que os desafia a planejar, problematizar e a criar seus produtos, proporcionando a autonomia na criação, trazendo elementos significativos da cultura, da identidade de cada lugar visitado, algo, digamos do “olhar”, muito pessoal, e, ao mesmo tempo, desafiador.

De acordo com Andrade (2010, p. 11), “metodologia é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”. Trata-se, pois, de uma ação planejada, baseada num quadro de procedimentos sistematizados e previamente conhecidos, tendo em vista a consecução de objetivos pretendidos.

A Metodologia proposta neste trabalho visa à preservação por meio do conhecimento e do entendimento, tanto da matéria-prima trabalhada, quanto do local em que está inserida, e, ainda, do processo de criação do produto. Para Munari (2008, p. 11): “o método de projeto, para o designer, não é absoluto nem definitivo; pode ser modificado caso ele encontre outros valores objetivos que melhorem o processo”.

Dessa maneira, a busca por novos caminhos (metodologias) é possível e viável. É ainda o referido autor (2008, p. 12) quem afirma que “as regras do método não bloqueiam a personalidade do projetista; ao contrário, estimulam-no a descobrir coisas que eventualmente poderão ser úteis também aos outros”. Obedecer a uma trajetória e a um caminho (um conjunto de métodos), que inicia com o reconhecimento do meio, de seus referenciais e de suas características regionais, faz parte de uma metodologia desenvolvida com base em experiências e estudo de diversos autores que tratam do desenvolvimento de métodos de criação em Design.

É com base nos pressupostos referidos e a partir das considerações esboçadas, que, apresentaremos, a seguir, o desenvolvimento de um projeto que propõe uma metodologia desenvolvida no Instituto Federal de Alagoas – Campus Maceió, Estado de Alagoas – Brasil, que tem como objetivo desenvolver produtos embasados no conhecimento e entendimento das características históricas sociais e culturais do lugar em que se encontra a matéria-prima empregada no produto, a partir de uma análise de suas propriedades físicas, culturais e econômicas, sempre voltadas à preservação do Patrimônio Cultural.

3 PROJETO OLHAR “DI” VER CIDADE

O projeto **Olhar “di” ver cidade**, foi desenvolvido com a participação dos alunos do Curso Técnico em Artesanato, modalidade PROEJA, sob nossa orientação. O PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – tem por objetivo oferecer oportunidade de estudos àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio, na idade regular e possibilitar, em uma única matrícula, a reunião dos conhecimentos do ensino médio às competências da educação profissional. O referido projeto, hoje, faz parte da política da oferta regular de cursos técnicos integrados de nível médio, oferecidos pelo Instituto Federal de Alagoas – Campus Maceió.

O curso tem como característica a produção de peças artesanais criadas e executadas pelos alunos. Todas as etapas do processo de execução são previamente discutidas e planejadas pelo corpo docente que atua em cada semestre, com a participação ativa dos discentes. Dentro do planejamento semestral (realizado antes do início de cada período), levantam-se os produtos e as temáticas que poderão ser trabalhadas no semestre. No decorrer do processo acadêmico (passadas as primeiras experiências), percebemos nos alunos a carência de elementos referenciais que possibilitem ao sujeito fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão dos nexos que compõem o universo sócio cultural e a trajetória histórico-temporal que engendrou, em diferentes momentos históricos, a realidade em que está inserido.

Diante dessa realidade, foi desenvolvido o **Olhar “di” ver cidade**, que reforça a necessidade da Educação Patrimonial, inserida em ações educativas que buscam, principalmente, a construção de uma visão crítica a respeito da realidade encontrada atualmente em nosso Estado, sem descartar a sua historicidade e diversidade cultural. Assim, buscar estratégias para a ressignificação do fazer artesanal; trazer a identidade da cultura regional, como afirma Hernández (1988), ao tratar sobre o ensino e a mudança na Escola, valorizando a cultura contemporânea e sua importância, são ações fundamentais para que o sujeito possa “compreender” o mundo em que vive, para que também possa ter acesso, analisar e interpretar informações de toda ordem com a amplitude necessária.

Diante dessa premissa, já defendemos que o conhecimento e o entendimento do objeto (ou da realidade) estudado são fundamentais para a sua preservação. Sendo assim, a necessidade de se conhecer “*in loco*”, o Estado (ou parte dele) é fundamental para a construção de uma consciência crítica da realidade e de um fortalecimento dos sentimentos de cidadania e identidade. Sendo assim, visitar as cidades do Estado seria uma forma de inserir os alunos em um processo elucidativo, com relação ao universo que os cerca, proporcionando o conhecimento (ou reconhecimento), a apropriação e a valorização da herança cultural existente no Estado de Alagoas.

As visitas às principais cidades alagoanas constituíram-se atividade fundamental, inserida como elemento inovador no curso, com duplo sentido, pois para a maioria se efetiva como oportunidade única de viajar, descobrir o novo, sair de suas rotinas, desafiando-as, e, ao mesmo tempo, proporciona vivenciar novas culturas, de lugares considerados longínquos e inalcançáveis, que se tornam acessíveis e servirão de elemento inovador, de inspiração e aprendizagem a partir da cultura, para a criação novos produtos artesanais.

Nóvoa (2010) nos traz uma reflexão sobre o processo de formação, como espaço de socialização, que está marcado pelos contextos institucionais, profissionais, socioculturais e econômicos em que cada sujeito vive. Baseando-se nesse pressuposto, o projeto de educação possibilita ao aluno tomar consciência e se apropriar do seu processo de formação.

O desenvolvimento do projeto tem várias etapas que envolvem docentes e alunos, assim como profissionais externos, que são convidados a subsidiar o projeto, preparando-os para conhecer as cidades. Inicialmente, a definição das cidades se efetiva através de prospecção realizada pelos docentes, que estudam o local, colhem informações “*in loco*” e realizam levantamento fotográfico. Vencida essa primeira etapa, o projeto semestral tem início com a preparação metodológica dos alunos, através da organização de um ciclo de palestras, que viabiliza um melhor entendimento e conhecimento da cidade, além de (re)dimensionar o olhar desses sujeitos, para conseqüente visita técnica, que proporciona subsídios informativos, visuais, históricos, possibilitando-lhes compor o cenário do lugar a ser visitado.

Em seguida, ao retornar da viagem, as informações coletadas por todos os alunos e docentes são levadas para sala de aula, onde serão trabalhadas dentro de uma metodologia aplicada nas disciplinas do semestre, buscando o desenvolvimento dos produtos propostos para o período, previamente definidos pelos professores, em reunião interdisciplinar antes do início do período letivo. Atualmente já se promovem concursos de fotografias, exposições temáticas envolvendo os alunos.

As atividades subsequentes obedecem a uma seqüência metodológica que descrevemos a seguir.

Lançamento (para os alunos) do tema e do produto a ser desenvolvido – como já mencionado, os temas e os produtos são escolhidos em planejamento prévio e estão associados às disciplinas vigentes no semestre (propedêuticas e técnicas) e aos potenciais levantados na visita à cidade.

Desenvolvimento de pesquisa – levantamento de pontos referenciais sobre o tema proposto (o tema está atrelado à visita), elementos visuais e sensoriais relevantes, cores, formas etc., extraídos do ciclo de palestras iniciais e da visita.

Escolha de palavras-chave – essa atividade pode ser executada individual ou coletivamente. Diante da pesquisa realizada, elenca-se o que se destaca ou o que se sobressai ao olhar de cada um, e, a partir desse referencial, constrói-se um banco de palavras-chave.

Produção de um painel de referência – composto com referências imagéticas relacionadas às palavras do banco de palavras construído na etapa anterior. As imagens referem-se à interpretação individual de cada palavra. O painel é elaborado de forma compositiva. Com a referência das palavras, buscam-se imagens análogas e, de posse desse material, compõe-se um cenário equilibrado e harmonioso de formas, cores e texturas.

Figura 1 – Painel de referência e produto artesanal: o avental / elaborado pela artesã Lucia



Fonte: Aguiar, 2015

Desenvolvimento do conceito – o conceito deverá sintetizar todas as informações coletadas, com base no painel de referência, que é um norteador para a definição do produto.

Processo de criação do produto – peça artesanal – O painel vai ser sempre referência nessas etapas em que o foco é encontrar respostas para as perguntas lançadas, no decorrer do processo metodológico, e, através de estudos, croquis e esboços buscar as soluções mais adequadas para as questões levantadas, tais como: forma adequada, cor, material, exequibilidade, técnica artesanal empregada, etc.

Desenvolvimento do produto – essa etapa compreende a execução do produto. Cada projeto, desenvolvido pelos alunos e assessorado pelos professores, passa a tomar forma e consistência. Vale ressaltar que todo o processo de desenvolvimento do produto é acompanhado e assessorado pelos docentes dos períodos envolvidos, de forma interdisciplinar.

Finalização do processo – a etapa final desse processo tem sua culminância na apresentação do produto em banca aberta, contando com a participação do corpo docente e de todos os alunos da turma. Nessa etapa, o produto (já finalizado) é fotografado e apresentado por seu autor, que passa a relatar toda

a história da sua peça – desde sua gênese até a finalização. A banca tem a preocupação de analisar todo o processo, além de avaliar se o produto atende a todos os critérios estabelecidos em sala, tais como: integração com o tema, estética, acabamento etc.

Esse é o momento culminante da metodologia adotada – a apresentação dos produtos desenvolvidos pelos alunos, explicitando a metodologia e a técnica artesanal utilizada para a confecção do produto em momentos pontuais, para avaliação por bancas. Nesse momento, os trabalhos são analisados e avaliados pelos professores do semestre que farão suas considerações e propostas para a melhoria ou adequação dos materiais e acabamentos dos produtos apresentados.

A seguir, apresentaremos algumas características de cidades visitadas e peças artesanais que foram planejadas e desenvolvidas por alunos do curso Técnico em Artesanato modalidade PROEJA nos anos de 2013 a 2015.

Figura 2 – Algumas das cidades visitadas: Barra de Camaragibe, Penedo, Viçosa e Arapiraca



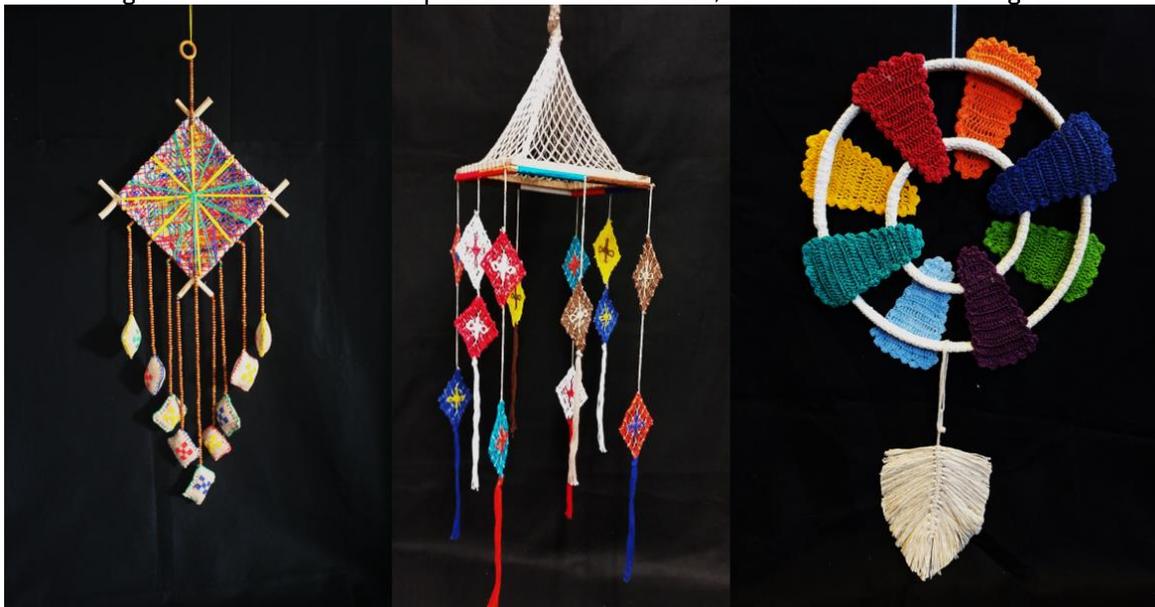
Fonte: Aguiar, 2013/2014/2015.

Figura 3 – Painéis executados pelos alunos: Verônica Santos, Eduardo Faustino e Valéria Santos



Fonte: Aguiar, 2017/2018/2019

Figura 4 – Mobiles executados pelas alunas: Rosiane Soares, Verônica Santos e Lúcia Magdália



Fonte: Aguiar, 2015/2018/2019

Esse processo leva ao reforço da autoestima dos sujeitos e das comunidades, à valorização da cultura brasileira, e, especificamente a alagoana, compreendida como múltipla e plural. O que buscamos a partir do exposto, é a utilização de elementos com apelo estético-formal locais, no desenvolvimento de produtos inovadores que remontem à junção do fazer artesanato com design, transformando tais peças em propostas únicas, que carregam em sua gênese, elementos referenciais unicamente encontrados em

seu local de origem como forma de valorização e preservação do patrimônio material e imaterial existente no Estado de Alagoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que através do conhecimento, do entendimento e da importância da Educação Patrimonial como instrumento de preservação de nossas tradições, poderemos atingir um modo sustentável de interagir com o meio em que habitamos. O projeto **Olhar “di” ver cidade** vem com a proposta de atingir o público a seu alcance (artesãos alunos do curso Técnico em Artesanato) com ações que estimulem o reconhecimento de seus valores culturais e de suas tradições como preservação de suas memórias e meio em que estão inseridos.

O Curso Técnico em artesanato tem nos proporcionado vivenciar projetos de trabalho que visam desenvolver metodologias e práticas de ensino para a educação de jovens e adultos, por meio de projetos interdisciplinares desenvolvidos no currículo para a formação dos/as artesãos/artesãs e o resultado positivo para o fortalecimento da cultura alagoana, através dos produtos artesanais e, em decorrência, a valorização do próprio artesão. É uma dinâmica que exige de nós, docentes, o diálogo constante que nos remete a refletir sobre nossa ação; planejamento e (re)planejamento, nos quais somos desafiados/as e encantados/as pelo conhecimento das cidades, do aprendizado, que vem expresso na criatividade da produção artesanal.

Somos dependentes desse meio e responsáveis pela sua existência, por isso investimos na preservação do nosso patrimônio, seja ele material ou imaterial. Assim, poderemos ser agentes multiplicadores e modificadores da realidade posta, e, assim sendo, refletir a respeito dos valores impostos faz parte do nosso dever como cidadãos. Embora tenhamos a compreensão de que apenas com a educação não é possível mudar, entendemos também, que sem ela a mudança não se realiza, pois, embora influenciada pelo modelo de sociedade vigente, seu poder vai muito além de nossas fronteiras pessoais. Ela se ramifica e se reproduz, possibilitando a criação de perspectivas de mudança.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio e Serviços, Portaria no- 29, de 5 de outubro de 2010. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Diário Oficial da União nº 192, quarta-feira, 06 de outubro de 2010.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudanças na Educação: Os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArteMed, 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. 5. ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LINS, Stefani Brito. "Alagoas Engenho e Arte". In: APRATTO, Douglas; DANTAS, Carmen Lúcia. **Mestres artesãos das Alagoas**. 2. ed. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

NÓVOA, Antônio. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROMERO, M. A. B. **Arquitetura do lugar: uma visão bioclimática da sustentabilidade em Brasília**. São Paulo: Nova Técnica Editora, 2001.